

## **MEMÓRIA E IDENTIDADE DOCENTES: CONSIDERAÇÕES ACERCA DO LETRAMENTO LITERÁRIO**

**Linduarte Pereira Rodrigues (DLA/UEPB)**

**RESUMO:** Buscamos apresentar algumas reflexões acerca da possibilidade de trabalhar com a leitura literária no espaço escolar. Pretendemos ampliar esse espaço de discussão no que se refere aos processos de letramento mediados pela literatura, com ênfase na relação professor x aluno e leitura x literatura. Nosso foco é a imagem do profissional do ensino da leitura e da literatura em língua materna, o espaço escolar e as práticas de letramento utilizadas junto aos alunos, procurando observar o que é atingido com o ideal de educar letrando. Realçamos o modelo de letramento presente nas páginas da literatura para, assim, poder pensar acerca de uma postura mais adequada para o professor de leitura e literatura em uma sociedade pós-moderna (BAUMAN, 1998, 2001, 2007). A aula de leitura, através da literatura, tem se mostrado pouco favorável à construção de um espaço/momento de atenção ao pensamento social que impõe discussões sobre os sentimentos e as sensibilidades humanas. Nossa sociedade experimenta medos e angústias de um início de século, além das novidades tecnológicas que virtualizam as práticas dos sujeitos, encurtam distancias, mas os separam das experiências individuais. Da forma mais comum, a aula de literatura figura na prática docente como história literária: concentra-se em lembranças de épocas travestidas em estilos, cronologicamente, medidos e pautados por linearidades históricas. Propomos para a escola um ensino de leitura/literatura que possibilite ao aluno o “prazer do texto” (BARTHES, 2006), não enxergando a literatura, apenas, como um objeto da escola, mas da sociedade e da vida. Nos apegamos à ideia subjacente aos teóricos que, como Street (1984) e Kleiman (2001), sustentam que as práticas de letramento dominantes na escola são consideradas parciais e equivocadas. Denominadas de modelo autônomo de letramento, tais práticas de letramento não são capazes de formar leitores culturalmente preparados para as diversas situações de interação entre sujeitos, indivíduos habilitados para ler num espaço que está além dos muros da escola. Em contrapartida, há um modelo de letramento melhorado e que objetiva ser a luz que ilumina as coordenadas do educador comprometido com um trabalho voltado para práticas plurais de letramento. Street (1984) denomina este modelo de letramento ideológico. Nele, plurais são as formas assumidas pela escrita no domínio das instituições e nos contextos de produção, circulação e reprodução, em que a escrita atravessa as práticas socioculturais dos grupos e suas relações. É nesta perspectiva teórica (com ênfase no modelo de letramento ideológico) que discutimos a problemática do ensino da leitura e da literatura. A literatura, especificamente a oral é, como diria Câmara Cascudo, o nosso primeiro leite intelectual. Sustentamos que a literatura não pode ser ignorada pela escola; e o mais importante: não deve ser pensada para a escola, porque a literatura ocupa um espaço na sociedade, na família. A escrita literária tem o poder de criar mundos que são obras do imaginário humano. Por esta razão, ela estabelece uma relação entre o humano e o social, porque o homem lê o mundo, cria histórias, amplia pensamentos, mitos que explicam as coisas e deixando tudo registrado em forma de literatura. Pensamos, então, a literatura nos moldes barthesianos, “não como um corpo ou sequência de obras, nem um setor de comércio ou de ensino, mas como grafo complexo das pegadas de uma prática: a prática de escrever” (BARTHES, 2007, p. 16). Diante do exposto, ficam as seguintes questões: Que modelo de letramento está presente nas narrativas literárias? Qual a postura mais adequada ao professor para a aula de leitura e de literatura? Tais questões nos fazem refletir neste estudo acerca do papel que a literatura exerce na sociedade e em prol de um letramento escolar ideológico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Prática docente. Leitura. Literatura. Letramento ideológico.